

Firmados em Cristo: seguimos e compartilhamos os ensinamentos dos apóstolos

Pr. Laerte Tardelli Hellwig Voss
CEL Cristo Redentor, Copacabana, Rio de Janeiro

O texto a seguir é o primeiro de uma série de quatro estudos que pretendem servir de norte temático para o planejamento e as ações da IELB no quadriênio 2019-2022. ***Firmados em Cristo*** é o nosso alicerce principal e a frase frontal que nos carregará nos braços, gerando destino e motivação para cada propósito anual específico. O texto bíblico escolhido a ser aprofundado é Atos 2.42, onde encontramos o primeiro relato da comunidade de fé que os discípulos de Jesus formaram. Após a Ascensão e o Pentecostes, imbuídos do comissionamento de Cristo e contando com a presença e o poder do Espírito Santo, o grupo de seguidores de Jesus começa a se mexer, a se articular e a dar continuidade ao projeto missionário de seu mestre.

Somos privilegiados. A história desse movimento está disponível para ser acessada através de um documento histórico. O segundo livro que Lucas escreveu – e que recebeu o nome de Atos dos Apóstolos – nos conta essa história. Logo em seu princípio, o médico e cooperador de Paulo, recentemente interpretado por Jim Caviezel no filme *Paulo: Apóstolo de Cristo*, registrou numa síntese quais foram os primeiros passos do Cristianismo, ou seja, a que se dedicavam os primeiros 3 mil convertidos. Quais eram suas prioridades de vida e de fé. De que DNA sua espiritualidade era composta. Em Atos 2, temos o “esboço do perfil da comunidade cristã primitiva”.¹ Lucas ressalta quatro comportamentos principais, os quais foram chamados pelo professor Johannes H. Rottmann, em seu livro sobre Atos, de “os quatro pilares da vida espiritual da Igreja”.² Elementos fundamentais que, segundo ele, não apenas sustentaram-na nos seus primórdios, mas “são e continuarão sendo os [seus] pilares principais até o Dia Derradeiro”.³ Este estudo abordará o *primeiro* destes pilares: a devoção à Palavra de Deus. Começamos a desempacotar as atividades essenciais da Igreja com o tema: ***Firmados em Cristo, nós seguimos e compartilhamos os ensinamentos dos apóstolos.***

Lucas foi específico, e quando lemos o restante do Novo Testamento, vemos que ele não foi o único a identificar esta ênfase do ***ensino***. A Igreja cristã estabeleceu-se fincada na Palavra. Deixou-nos este recado: para sermos Igreja hoje, para sermos Igreja sempre, precisamos perseverar no ensino dos apóstolos. A educação cristã é, sem sombra de dúvida, central para a Igreja. É o miolo da Grande Comissão (Mateus 28.20). O chamado fundamental dos líderes cristãos (2Timóteo 1.3, 2.2, 3.15; 1Timóteo 6.20; 1Pedro 3.15-16). É o alimento consolador para a caminhada do povo e a pedagogia prática para a vida em suas múltiplas vocações (Atos 5.20, 15.35, 18.11, 13.5; 1Timóteo 4.11; Hebreus 6.2).

Nenhum outro ponto foi tão enfatizado por Cristo e por seus discípulos do que a proclamação e o magistério do Evangelho. Em primeiro lugar, porque é através deste ensino que a fé é transmitida, conversões acontecem e são abastecidas e moldadas ao longo de nossa peregrinação num processo contínuo. Doutrina importa. Doutrina liberta. Doutrina cura. E ela não apenas afeta nossa *religiosidade*. Afeta tudo em nossa vida e à nossa volta. Vivemos num

¹ SMITH, Robert H. **Acts: Concordia Commentary**. Saint Louis: Concordia, 1970, p.66.

² ROTTMANN, Johannes H. **Atos dos Apóstolos no Contexto do Século XX**. Vol. I. Porto Alegre: Concórdia, 1979, p.100.

³ ROTTMANN, loc.cit.

tempo onde a própria palavra doutrina ou dogma quase se tornou um palavrão, deixa muitas pessoas com uma impressão negativa, e, ainda assim, ninguém pode viver sem doutrina. Ninguém chega a lugar nenhum nas grandes questões da vida e do ser humano sem doutrina. E em segundo lugar, por outro lado, porque o maior perigo que a Igreja enfrenta não advém de perseguição ou da limitação de recursos físicos, materiais e humanos, mas, sobretudo, de falsos ensinamentos e heresias que reiteradamente tentam intrometer-se na prática e na confissão do povo de Deus (2Timóteo 4.3; 2Pedro 2.1). Seja para construir, seja para proteger, o ensino na Igreja é o bem mais precioso de que dispomos.

Por isso, Lucas parece ter sido intencional na composição de sua lista, e nós não podíamos começar com mais apropriado assunto. Se removermos o ensino da Igreja, a Igreja perde sua utilidade e sua originalidade no mundo. Se a gente fizer todo “o resto” bem, mas formos pobres em nosso ensino, tudo perde o sentido. Cultos vibrantes, ação social efetiva, comunhão acolhedora, estrutura funcional, departamentos ativos, planilhas recheadas, eventos criativos e congressos lotados... Nada possui peso eterno sem o esclarecimento e o compartilhamento íntegro da Palavra de Deus. Fazemos bem, como Igreja, em atentar-nos a este ponto. Esse é o objetivo deste estudo. Sem nenhuma pretensão de esgotar uma matéria tão rica como esta, tentaremos oferecer alguns subsídios para a reflexão, dividindo o tópico nas seguintes seções:

1. Os ensinamentos dos apóstolos
2. Seguindo estes ensinamentos
3. Compartilhando estes ensinamentos

1. Os ensinamentos dos apóstolos

Nos primeiros meses da Igreja, recorda-nos o professor Rottmann, “ainda não havia uma ‘dogmática’, um sistema doutrinário... um catecismo que se destinasse como manual de instrução aos neófitos”.⁴ O que se tinha em mãos era o Antigo Testamento, as Escrituras da religião judaica. Foi com aqueles 39 pergaminhos que os cristãos começaram a estudar sobre Deus, pecado, salvação, mundo e tudo o mais relacionado à fé. No entanto, havia um diferencial fundamental de interpretação empregado àqueles textos. Os apóstolos faziam uma leitura do Antigo Testamento com uma espécie de *lente* distinta, nova: ***a lente Jesus-cêntrica***. Isto é, enxergavam nas páginas sagradas como o rabi-carpinteiro de Nazaré era o Cristo/Messias, o cumprimento das profecias, a manifestação do plano eterno salvífico de Deus, o fundador e o Senhor do Reino, a própria Palavra encarnada. Somavam a essa interpretação tudo aquilo que haviam visto no e ouvido do próprio Jesus. Nesse sentido, quando Lucas registrou que a comunidade cristã continuava firme nos ensinamentos dos apóstolos, esses ensinamentos, antes de ser *dos apóstolos*, eram, essencialmente, *de Jesus*.

E como ele ensinou! Quantitativa e qualitativamente. Jesus passou a maior parte de seu ministério ensinando as pessoas. E os evangelhos nos dizem que, em muitas ocasiões, a reação das pessoas diante de sua instrução foi de absoluta estupefação. Por vezes eram atraídas a ele justamente em razão de sua atividade rabínica como expositor das Escrituras. E por que ficavam tão fascinadas?, nos perguntamos. Não apenas por sua capacidade comunicativa, mas, principalmente, porque ensinava com autoridade divina. Jesus não cativou audiências por ser um bom palestrante motivacional, ainda que suas palavras motivassem muita gente, ou por ser um conferencista de *Ted Talks*, ainda que suas ideias

⁴ ROTTMANN, loc.cit.

fossem dignas de ser difundidas. Sua marca era o aspecto sobrenatural de sua presença e de sua mensagem. Pegue Marcos 1.21-22, por exemplo:

“DEPOIS, ENTRARAM EM CAFARNAUM, E, LOGO NO SÁBADO, JESUS FOI ENSINAR NA SINAGOGA. E MARAVILHAVAM-SE COM A SUA DOCTRINA, PORQUE OS ENSINAVA COMO ALGUÉM QUE TEM AUTORIDADE E NÃO COMO OS ESCRIBAS.”

Essa questão da autoridade divina em Jesus não deve ser confundida como se ele tivesse se apresentado com um crachá especial, ou uma forma celestial de modular a voz ou ocupar as cátedras da Palestina. Os ouvintes conectavam o respaldo de Deus com a categoria da doutrina, com a substância da fala, com o argumento do conteúdo. Era o que saía de sua boca que deleitava as pessoas. E deleitava pela consolação, pela concretude, pela coerência, e pela intrigante mistura da solidez da tradição com o frescor da novidade. Eram tão magníficos os ensinamentos que o público era levado a acreditar que eles só podiam ter vindo de Deus. Era como se, de repente, um inédito e mais sublime profeta lhes havia sido enviado. Um que resignificava aspectos da “Torá e os profetas” a patamares de beleza e nexos apenas antes imaginados nos melhores sonhos. Um que destapava o que estava encoberto e explicava o que estava confuso. Um que dava vida aos mais belos oráculos dos antigos. Um que colocava o peito entre o tiro e a vítima, entre a letra da lei e o povo, entre os profissionais da religião e os escanteados. Um que aparentemente falava de coisas que somente Deus poderia falar. Um que fazia a exegese perfeita do Pai.

E este “Um”, Jesus, não ensinava o que ensinava inconscientemente dessa sua digital divina. Em João 7.14-18 nos é dito que

“QUANDO A FESTA JÁ ESTAVA NA METADE, JESUS FOI AO TEMPLO E COMEÇOU A ENSINAR. ENTÃO OS JUDEUS SE MARAVILHAVAM E DIZIAM: – COMO É QUE ELE PODE SER LETRADO, SE NÃO CHEGOU A ESTUDAR? JESUS LHES RESPONDEU: – O MEU ENSINO NÃO É MEU, MAS DAQUELE QUE ME ENVIOU. SE ALGUÉM QUISER FAZER A VONTADE DE DEUS, CONHECERÁ A RESPEITO DA DOCTRINA, SE ELA É DE DEUS OU SE EU FALO POR MIM MESMO. QUEM FALA POR SI MESMO ESTÁ BUSCANDO A SUA PRÓPRIA GLÓRIA; MAS O QUE BUSCA A GLÓRIA DE QUEM O ENVIOU, ESSE É VERDADEIRO, E NELE NÃO HÁ FALSIDADE.”

Além de não perder oportunidade de lecionar, e sempre fazê-lo com aguçada perspicácia e peculiar graça, Jesus não sonegava a informação bombástica de que suas palavras refletiam o ensino avalizado pelo próprio *Yahweh*. As verdades do Reino eram matérias originadas no próprio céu. Não se tratava de uma mensagem, mas DA mensagem. Não de uma verdade, mas DA verdade. O Logos havia, de fato, se feito carne, e estava ali diante das pessoas, acessível e predisposto a ensiná-las.

Nem sempre, entretanto, as pessoas compreenderam exatamente ou se maravilharam com estes ensinamentos. Também houve reações contrárias, gente que se incomodou. A oposição a Jesus, na verdade, crescia paralelamente à sua popularidade. Eventualmente ela foi de caráter mais físico-combativo, mas na maioria das vezes, a hostilidade proposta por líderes religiosos se dava na forma de “armadilhas teológicas”, perguntas-pegadinhas que tinham a intenção de minar a admiração a Jesus pela demonstração de um eventual erro em sua instrução, fazendo-o cair em alguma contradição. Não conseguiram. Jesus, sempre que desafiado, respondeu adequadamente, aplicando corretamente textos do Antigo Testamento (por exemplo, em Mateus 9.10-13 e nos vários “ouvistes o que foi dito... Eu, porém, vos digo”), ora revelando uma perspectiva mais plena, que outrora existia apenas prefiguradamente, ora expondo claramente os motivos por trás da conspiração que sofria. Mais tarde, tal como Jesus havia prevenido, aconteceria o mesmo com os apóstolos. Os ensinamentos que propunham também foram, não raras vezes, atacados ou simplesmente

rejeitados por alguma das causas mencionadas na parábola do semeador. Não deveríamos nos surpreender com estes tipos de cenários nem nos acostumar com contextos de acentuada simpatia.

O ensinamento de Jesus foi, digamos, *transferido oficialmente* para os seus discípulos após sua ressurreição, naquele período anterior à sua subida aos céus, em um discurso de despedida conhecido como a Grande Comissão. Ali os discípulos foram, definitivamente, promovidos a apóstolos (“enviados”), se podemos falar nestes termos. Encontramos o evento relatado em, pelo menos, dois dos evangelhos, bem como, também, no comecinho de Atos. Destaco a versão mais conhecida, em Mateus 28.18-20:

“JESUS, APROXIMANDO-SE, FALOU-LHES, DIZENDO: TODA A AUTORIDADE ME FOI DADA NO CÉU E NA TERRA. PORTANTO, VÃO E FAÇAM DISCÍPULOS DE TODAS AS NAÇÕES, BATIZANDO-OS EM NOME DO PAI, DO FILHO E DO ESPÍRITO SANTO, ENSINANDO-OS A GUARDAR TODAS AS COISAS QUE TENHO ORDENADO A VOCÊS. E EIS QUE ESTOU COM VOCÊS TODOS OS DIAS ATÉ O FIM DOS TEMPOS.”

O que salta aos olhos aqui? Primeiro, que a Grande Comissão estava diretamente baseada na autoridade de Jesus. Segundo, que ela teria seu permanente acompanhamento. E, terceiro, que seria realizada fundamentalmente através de duas ações principais: o batizar e o ensinar. É o ensinar que nos interessa especificamente. Notamos que Jesus confia aos apóstolos a tarefa de irem ao mundo inteiro para ensinar as pessoas a *guardarem todas as coisas que ele havia ordenado*. Esse “todas as coisas” merece realce, pois nos aponta para a integridade do conteúdo e nos convida a fugir de reducionismos tentadores. Martin H. Franzmann fala que Jesus estaria se referindo tanto ao *quérigma*, que se concentra nas *ações* histórico-salvíficas de Deus em Cristo (o envio, a encarnação, a vida, a morte vicária e expiatória para perdão de pecados, a ressurreição, ascensão e a promessa de retorno de Cristo), e que tem como objetivo levar as pessoas a reconhecerem em fé que Jesus era o Senhor, como também aos ensinamentos ético-educativos para a vida e para o caráter do discípulo de Cristo, que, por sua vez, teriam como objetivo a orientação da nova obediência.⁵ Ou também poderíamos dizer, nós, luteranos, a Lei e Evangelho, usando uma de nossas chaves hermenêuticas favoritas, e não desprezando a Lei em seu terceiro uso, como nos recomenda a Fórmula de Concórdia.⁶ A cruz, com seu chamado, e a cruz, com seu presente. O Reino, em todos os ângulos que cada parábola havia descortinado. Os princípios, para a vivência do seguimento e da prática do amor. As doutrinas, para a segurança e a referência da fé. As promessas, para o conforto e o encorajamento do coração.⁷

Não era pouca coisa. Como eles teriam essa capacidade? De interpretar o Antigo Testamento, recordar todos os preceitos e os feitos de Jesus e saber como explicá-los e aplicá-los para as questões que certamente surgiriam? João 14.26 nos revela qual foi o plano de Deus para viabilizar tal missão:

“MAS O CONSOLADOR, O ESPÍRITO SANTO, QUE O PAI ENVIARÁ EM MEU NOME, ESSE ENSINARÁ A VOCÊS TODAS AS COISAS E FARÁ COM QUE SE LEMBREM DE TUDO O QUE EU LHES DISSE.”

⁵ FRANZMANN, Martin H. **The Word of the Lord Grows**. Saint Louis: Concordia, 1961, p.169-170.

⁶ FÓRMULA de CONCÓRDIA – Artigo VI. In: **Livro de Concórdia**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1983.

⁷ BLOCK, Darrel L. **Acts: Baker Exegetical Commentary of the New Testament**. Grand Rapids: Baker Academic, 2007, p.150.

Jesus não apenas repassa sua mensagem autorizada e autoritativa aos discípulos, mas lhes concede o Espírito Santo para sobrenaturalmente habilitá-los a desempenhar a função de legítimos professores da Igreja. É nesse contexto que a expressão lucana *os ensinamentos dos apóstolos* faz todo o sentido. A Igreja primitiva não acatou a autoridade dos ensinamentos porque eram *dos* apóstolos, como se isso significasse grande coisa, mas porque eram de Cristo *através* dos apóstolos.⁸ A Igreja primitiva não perseverou *no ensino dos apóstolos* porque os apóstolos eram retóricos e persuasivos, ainda que isso possa ter sido o caso, e fosse útil em contextos evangelísticos, mas porque aqueles homens eram as pessoas a quem o ensino preciso e confiável da Palavra de Deus havia sido entregue de forma deliberada e inequívoca, pelo próprio Senhor ressuscitado.⁹ Os apóstolos deram continuidade ao ofício profético de Cristo, e o fizeram por meio de proclamação e instrução, com a voz e com a pena, individualmente e em grupo, em ambientes missionários diversos e em círculos catequéticos mais íntimos, nas casas e em espaços públicos. E do labor deles, diretamente auxiliados pelo Espírito Santo, temos como resultado a formação espiritual dos primeiros cristãos, o Novo Testamento e posteriormente as primeiras confissões de fé da Igreja.

2. Seguindo estes ensinamentos

Segundo Robert Smith, no comentário clássico de Atos, da Série Concórdia, é até possível que os “quatro elementos essenciais constituintes” que são citados por Lucas em Atos 2.42, fossem um recorte do que seria o esqueleto do culto eucarístico da Igreja primitiva. Este teria em seu rito: 1) leitura e pregação; 2) oferta de recursos para a distribuição aos pobres; 3) a celebração da Ceia do Senhor; e 4) orações. No entanto, segundo o professor, “é bem mais plausível a interpretação alternativa” de que eles representavam a caminhada cristã como um todo, para além do âmbito celebrativo-litúrgico. Liturgia e vida se “interpenetravam uma com a outra e constituíam uma unidade inquebrantável”. Nessa linha, os ensinamentos dos apóstolos repercutiam relevante e soberanamente muito adiante dos confins do culto dominical (Atos 4.18; 5.21,28,42; 13.12; 15.6, 12, 19, 28; 17:19).¹⁰ O seguimento da doutrina alcançava o dia a dia dos cristãos: seus hábitos, suas conversas e suas decisões ordinárias.

Outro detalhe que não pode ficar de fora deste estudo é a palavra empregada por Lucas para descrever a postura dos cristãos: eles “**continuavam firmes**” nos ensinamentos dos apóstolos e demais praxes supracitadas. A expressão inspira nossa temática que repetirá neste quadriênio o estar “firmados em Cristo”. Equivale ao “perseveravam” da versão Almeida. Traz a idéia de persistir, permanecer em algo, de uma devoção contínua.¹¹

No dicionário grego,¹² encontramos como opções de traduções para o verbo *προσκαρτερουντες*:

- perseverar em;
- atender constantemente;

⁸ BRUCE, F.F. **The Acts of the Apostles: The Greek Text with Introduction and Commentary**. London: The Tyndale Press, 1951, p.100.

⁹ Sobre o testemunho do Novo Testamento e da Igreja Primitiva para a autoridade do ensino dos apóstolos: 1 Coríntios 12.28, 14.37; Efésios 2.20, 3.5. Ver também a introdução da *Didaquê*.

¹⁰ SMITH, op.cit., p.66-67.

¹¹ BLOCK, op.cit., p.149.

¹² TAYLOR, William Carey. **Dicionário do Novo Testamento Grego**. 4.ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1965, p.188.

- unir-se a;
- ficar continuamente com;
- estar a serviço de;
- ficar sempre ao dispor de;

Cada uma dessas opções nos daria bons panos para manga. E dois aspectos unificadores chamam a atenção, num primeiro instante. Ambos com implicações expressivas para o fortalecimento e a vivência da fé em nossas congregações. Primeiro, o verbo evoca uma atitude notadamente piedosa, cultural até, com relação à Palavra e às demais atividades essenciais descritas na passagem. A palavra usada em algumas traduções da Bíblia na língua inglesa parece ter captado essa tonalidade do zelo praticado: “*devoted*”. Eles se tornaram “devotados” pela Palavra, comunhão, Ceia e orações. E essa perspectiva é significativa, uma vez que todos os filhos de Adão vivem literalmente para adorar alguém ou alguma coisa. Todos somos obcecados e praticamente venderíamos a alma por alguma coisa. A pergunta de um milhão é “para o quê” estamos fazendo? Por isso o dilema da idolatria foi tratado nos Dez Mandamentos logo “de cara”. Os primeiros cristãos, ao confessar que Jesus era o Senhor (*Kyrios Christos*), estavam entendendo que essa necessidade existencial e interior profunda do ser humano havia finalmente sido satisfeita. Que aquela busca incessante por um deus que preenchesse e desse sentido à existência podia ser dada por encerrada. Cristo era a causa e a razão última de todas as coisas (Colossenses 1.16-17). Cristo era aquele que, com seu sacrifício e perdão, colocava todos os “pingos nos is” no drama da humanidade e correspondia definitivamente às carências e aos anseios de cada coração. Por isso, onde Cristo estava, eles queriam estar. O que Cristo oferecia, eles queriam continuamente receber. Com o que Cristo se preocupava, eles queriam também se preocupar. Cristo e sua obra, Cristo e seu Reino, Cristo e sua causa, passavam a ser a maior dádiva e a maior missão deles também. Por isso a verdadeira *devoção* que tinham. Agora, há que se entender bem e evitar mal-entendidos. Não quer dizer que eles estavam “venerando” o livro, o sacramento, etc. A adoração não era pela atividade ou o ritual em si. Não é isso que está ocorrendo aqui. A devoção era, antes de tudo, a Cristo. O estar firmados era em Cristo. Os ensinamentos dos apóstolos estavam sendo tão valorizados por causa da fé e do amor a ele. E justamente, também, porque eram os veículos que o revelavam e o traziam para perto.

Segundo, percebe-se também uma linguagem de vida, e não de sala de aula, neste verbo-ação. Ele tem uma conotação menos passiva e erudita e mais ativa e relacional, sem querer cair num clima de ativismo em que se corra o risco de “achatar o Evangelho em uma moral”.¹³ Uma disciplina espiritual de genuína e esforçadamente buscar aprender e viver a Palavra. Um tipo de conduta que impedia a Igreja de Atos de cultivar uma atitude de preguiça, frieza e apatia com relação às Escrituras e às chances de se conhecer mais sobre Cristo. E se antes fizemos um diálogo da Palavra com a Cristologia, agora é a Pneumatologia que reivindica passagem. Como o seguir firme nos ensinamentos é destinado à caminhada eclesial do povo de Deus, o mesmo Espírito que habilitava os apóstolos na transferência dos conteúdos, da mesma forma capacitava os convertidos a uma compreensão, apropriação e aplicação dos mesmos. O

“ESPÍRITO DO SENHOR, O ESPÍRITO DE SABEDORIA E DE ENTENDIMENTO, O ESPÍRITO DE CONSELHO E DE FORTALEZA, O ESPÍRITO DE CONHECIMENTO E DE TEMOR DO SENHOR” (Isaías 11.2)

¹³ BIANCHI, Enzo. **Parola, liturgia e vita**. In: *Liturgia e Parolo de Dio: Assemblee in ascolto della Parola*. Atti della XLI Settimana Liturgica Nazionale. Pisa, 27-31, Agosto 1990. Roma: Edizione Liturgiche, 1991, p.91-99. Em tradução de Fábio da Silveira Siqueira, não publicada, p.7.

repousava sobre os crentes para fazer a integração da catequese com a vida. Essa era a obra transformadora do Espírito Santo na comunidade dos discípulos. E se antes fizemos uma conexão com o primeiro mandamento, aqui é o terceiro que se enseja: o “gostar de ouvir e estudar”. Mas não numa lógica restrita ao domingo e ao templo. O descanso disponibilizado alcança os demais dias da semana. A sapiência concedida permeia e se faz sentir em todas as áreas e espaços da espiritualidade encarnada nascida no Batismo. Provavelmente o discipulado rabínico judaico modelado por Jesus servia de inspiração. A metodologia do curso extrapolava auditórios e gabinetes e invadia festas de casamentos, jantares sociais, encontros profissionais e familiares e outras situações reais num processo orgânico de didática. O convite de Jesus “vem e segue-me” permanecia vigente e reverberando. Em última análise, o chamado a que se respondia não era a uma estrutura curricular, mas a um Deus-pessoa e a um Caminho de se viver. Por isso há um “fala, Senhor, pois o teu servo está ouvindo” que não se contenta com uma mera aquisição de informação intelectual sobre as ciências da religião. Há um “que aconteça comigo conforme a tua palavra” que não imagina somente o acolhimento dócil da Maria e elucubra sobre ele, mas que realiza o itinerário da leitura ou escuta avançando até a meditação e a ação, atento ao como aquela Palavra pode acontecer na prática. O movimento da recepção que se faz da revelação de Deus em Cristo e através dos apóstolos não é burocrático. Entende-se que aquela *didaquê* está destinada a formar o povo e traduzir-se em gesto. Não é só ortodoxa, mas ortopática e ortoprática.

Quem sabe, nesses pontos, há muito a ser sondado por nossa Igreja, no intento de construir no legado da reforma. O seguir firmes dos primeiros cristãos ecoou em Lutero e em nossos pais e nos convoca a sempre de novo avaliar nossa postura em relação à Palavra. O seguir firmes dos primeiros cristãos nos ajuda a perceber e evitar enganos muito comuns aos quais somos tentados em nossa abordagem e relacionamento com a Bíblia e com os diversos livros que utilizamos para a instrução da fé cristã. Alguns destes enganos que estão por aí:

- a) **A [semi] ignorância conformada:** Quando não se tem muita ideia do que Deus diz, de quem Jesus é, do que ele fez e porque ele fez, ou do que significa fazer parte de seu Reino, e nem se está interessado em aprender. É quase o famoso “não sei, não quero saber e tenho raiva de quem sabe”, direcionado à Palavra de Deus e ao Catecismo. Às vezes essa ignorância é total, e vem de quem, talvez, não teve oportunidade de alfabetização cristã ou não deu atenção e/ou continuidade às oportunidades que teve. Às vezes ela é parcial, e tem mais a ver com aqueles que se contentaram com um naco de instrução, com o “tirar a nota básica” no ensino confirmatório, com o confessar o credo dos antepassados, e aqueles que ainda hoje preferem uma “dieta de leite”, entendendo que uma maior sustância no conhecimento da fé é uma arte reservada a uma casta diferenciada da qual não fazem, nem precisam fazer parte.
- b) **O misticismo exagerado:** Quando se trata a Bíblia, o Catecismo, o Hinário, as Confissões (ou outro material pedagógico cristão) como um manual de mantras e fórmulas mágicas que por sua simples citação, não raras vezes fora de contexto, possibilitam o recebimento de alguma bênção ou proteção especial. A “doutrina dos apóstolos” é muito mais complexa, concreta e envolvente do que o repetir anacrônico e acomodado de versículos ou axiomas teológicos. Ela aponta para um Deus real, apresenta um conteúdo real, e convida a uma resposta real. Onde existe um déficit de engajamento sério e honesto com os ensinamentos dos apóstolos, pode-se cair numa relacionamento superficial, idólatra e antropocêntrico.

- c) **O estudo meramente acadêmico:** Quando se consulta a Bíblia (ou como já foi dito – qualquer material de ensino cristão) como se consulta um livro-texto, meramente em busca de respostas para questões religiosas da época e dados para o compêndio de dogmas ou para o estatuto da organização. Estes contêm muitas e preciosas informações, mas são mais do que uma cartilha. Eles podem servir para uma gincana, mas querem servir mesmo para alimentar uma amizade ou trazer amparo em um quarto de hospital. O assimilar das histórias e das premissas deve chegar ao intelecto, claro, mas somente se não estacionar ali. A acolhida em fé e subsequente consciência prática é o propósito de tudo. A transformação do coração é o alvo final.

O continuavam firmes no seguimento aos ensinamentos dos apóstolos nos deixa a sensação de que os primeiros cristãos, grosso modo, levaram muito a sério sua interação com a Palavra de Deus. Reconheceram a dependência vital que dela tinham. E assumiram com comprometimento a responsabilidade e o privilégio de explorá-la. Viam-se como criaturas da Palavra, para usar uma fala de Lutero.

Trazendo para o hoje e para a nossa realidade de Igreja, o que poderíamos imaginar como aplicável e oportuno? A título de reforço do que já conhecemos, proponho para debate o seguinte:

- a) **Seguir os ensinamentos dos apóstolos através da leitura, estudo e meditação da Palavra nas oportunidades que a congregação oferece:**

HEBREUS 10.25

As tendências à negligência do discipulado corporativo, ao consumo exclusivamente privado e à espiritualidade desigrejada e individualista precisam ser encaradas com muito carinho. O aprendizado com os irmãos no contexto da Igreja, em conformidade com a seiva vivificante e sólida da tradição eclesial é fundamental para o crescimento espiritual. Tanto para o indivíduo, como para a comunidade a que pertence. Seja o ouvir da pregação no culto público da assembleia, como os estudos em grupos, nos departamentos e demais grupos menores são parte essencial da dieta a qual Deus nos serve seu alimento. Ali estão os componentes de simbiose, de prestação de contas, do companheirismo, da estabilidade e da segurança doutrinária que Deus usa para nutrir-nos e fortalecer-nos. O sentido comunitário não pode ser menosprezado sob ameaça de se cair em uma espiritualidade líquida, em piedades sentimentalistas, em interpretações subjetivas e arbitrárias e na aridez do pensamento teológico.

O que podemos fazer? Quais recursos estão à nossa disposição? Que boas práticas poderiam ser compartilhadas?

Sugestões:

- diferentes **métodos e formatos de estudo bíblico** para diferentes contextos e necessidades;
- variações nos **tipos e temas de pregações** para captar a atenção e comunicar da melhor forma possível a Palavra a uma audiência tão heterogênea;
- **capacitação contínua** para pastores e professores e líderes de Escola Bíblica, instrução, estudos;
- **currículo para educação continuada** que esteja em sintonia com a realidade da vida da congregação e demais processos de educação cristã que serão fomentados;

- **prioridade para o tempo de estudo bíblico** nas reuniões dos departamentos, encontros, congressos e demais atividades onde a congregação/distrito/sínodo se reúne;
- **planos e campanhas de leitura** e estudo da Bíblia em conjunto;
- leituras e **rodas de conversa** sobre livros/literatura ou vídeos/filmes de conteúdo saudável para a fé.
- ?

b) **Seguir os ensinamentos dos apóstolos através da leitura, estudo e meditação pessoalmente (e/ou em família):**

SALMO 119.15-16; DEUTERONÔMIO 6.4-9

Por outro lado, as tendências à terceirização do crescimento espiritual, à dependência dos estímulos exteriores e aos ritmos de vida desprovidos de vida devocional precisam, também, ser encaradas com atenção. Os ensinamentos dos apóstolos não necessitam ser deixados nos bancos da igreja ou confinados aos eventos da instituição, mas podem retornar a casa com cada cristão. Não foram feitos para durarem apenas o íterim da experiência topo-de-montanha de um retiro ou congresso, mas para continuarem sendo acessados nos vales das semanas, ao longo do ano, ao longo da vida. Há enorme serventia no estudo no contexto da congregação, em dias específicos e especiais, mas também uma virtude muito particular e indispensável na perseverança e na quietude de uma rotina pessoal. O Espírito Santo não está preso ao templo, nem é refém do pastor e do professor. Mas nos acompanha, onde quer que estejamos. Ele fala e abençoa na igreja e pode falar e abençoar também em nossa casa, ou no local onde passamos o intervalo da escola e do trabalho. Neles, ajuda o aprendiz a se tornar um leitor assíduo, familiarizado da Escritura. Essa responsabilidade de se envolver com a Palavra pessoalmente (ou no lar, com a família) pode – e deve – ser assumida por cada um e permite que se faça um bom casamento com o regime comunitário. O estímulo e o exemplo deveriam ser dados pela liderança.

O que podemos fazer? Quais recursos estão à nossa disposição? Que boas práticas poderiam ser compartilhadas?

Sugestões:

- vida devocional aproveitando a **literatura** que a igreja disponibiliza;
- vida devocional baseada num **plano de leitura** bíblica;
- resgate e incentivo ao **culto doméstico**. Considerar a organização de pequenos “altares” ou mini “capelas” em espaços apropriados da casa;
- utilização de recursos e materiais à disposição nas **plataformas eletrônicas** que podem ser acessadas no melhor horário disponível para cada um. Por exemplo: Aplicativos de celular da Hora Luterana, SBB e o famoso YouVersion com inúmeros planos temáticos de leituras;
- vida devocional redescobrimo e considerando o hábito patrístico e monástico (e luterano) da **Lectio Divina**. Em suma, o exercício segue estes moldes: i) *Leitura* do texto (o que diz o texto em si?); ii) *Meditação* do texto (O que nos diz o texto?); iii) *Oração* com o texto (o que dizemos ao Senhor, em resposta à leitura feita?); iv) *Contemplação* do texto (qual é a conversão da mente, do coração e da vida que o

Senhor nos convida a ter?); v) *Ação* em resposta ao texto (O que o texto nos convida a fazer na prática?);¹⁴

- perguntas úteis que também podem ser feitas ao texto quando se estuda pessoalmente/familiarmente: há algum pecado para confessar? Há alguma atitude para tomar? Há alguma promessa à qual me apegar? Há alguma razão para adorar a Deus? Há algum erro para evitar? Há alguma verdade para crer? Há alguma doutrina para estudar? Há algum exemplo para seguir? Há alguma sugestão de súplica ou ação de graças para orar?
- ?

c) **Seguir os ensinamentos dos apóstolos através do aprender dos outros:**

COLOSSENSES 3.16

Talvez aqui esteja o ponto que mais mereça ser revisitado pela Igreja nesta reflexão. A possibilidade que Deus nos dá de aprendermos uns dos outros. Completa a trinca proposta e está muito relacionada com o aspecto *rabínico* de se transferir a fé. Ainda que se aprenda muito nos encontros congregacionais e nos momentos a sós, muito do que se absorve e se pratica foi passado por alguém de carne e osso, através de um relacionamento de confiança, franqueza e naturalidade. Se fizermos um inventário de nosso amadurecimento na fé cristã, possivelmente poderemos identificar algum simpósio/aula/evento ou livro que deixou alguma marca em nosso desenvolvimento espiritual, mas, certamente, sobressaem as lições que incorporamos de outras pessoas que foram colocadas por Deus em nosso caminho: uma palavra, um gesto, um exemplo... de alguém. Que pode ser prontamente identificado. Porque deixou impressa uma mímica repetível através de uma experiência palpável. Vem à mente o “amem uns aos outros *assim como eu vos amei*”, de Jesus (João 13.34-35) ou o “imitem a mim *como eu imito a Cristo*”, de Paulo (1Coríntios 11.1). A proposta aqui é a revalorização deste processo mais ou menos estruturado de instrução que tem nas relações intencionais o seu veículo. A afirmação e a permissão a que “gente se envolva com gente”, a que o “homem afie o homem” (Provérbios 27.17) e vínculos orgânicos de mentoria sejam construídos. O ensino pode, e de fato é, transmitido de forma muito rica e eficaz horizontalmente. Precisamos de boas e saudáveis referências e amizades cristãs. E geralmente nem se trata de grandes deslocamentos ou alterações de rotina, mas em ser sensível ao local onde já fomos posicionados por Deus e às pessoas que já fazem parte de nossa vida. Como disse certa vez o pastor da LCMS, Greg Finke, “Deus já nos tem onde Ele precisa de nós”. Acrescentaria... e ele já trouxe para perto de nós quem pode ser abençoado por nossa presença e por nosso conselho.

O que podemos fazer? Quais recursos estão à nossa disposição? Que boas práticas poderiam ser compartilhadas?

Sugestões:

- aprendizado através do relacionamento **pastor-ovelha**. Investir tempo neste contato. Estimular a prática da confissão e absolvição privada e do aconselhamento pastoral, mas não ficar restrito a essas ocasiões;
- aprendizado através do relacionamento familiar **pai/mãe-filho**. Investir tempo neste convívio. Capacitação dos pais para este empreendimento, nem sempre reconhecido;

¹⁴ Para maior conhecimento deste hábito de leitura/estudo da Bíblia, recomenda-se o seguinte artigo: BIANCHI, Enzo. **Lectio Divina: Ontem e Hoje**. Juiz de Fora: Edições Subianco, 2005, p.44.

- aprendizado através do relacionamento familiar **avô/avó-neto**. Investir tempo neste convívio. Capacitação dos avós para este empreendimento;
- aprendizado através do relacionamento batismal **padrinho/madrinha-afilhado**. Recuperar o significado deste elo sacramental cooptado, muitas vezes, por tratamentos mais sociais e materiais. Capacitação dos padrinhos para este chamado;
- aprendizado através do relacionamento entre **líderes-liderados**. Oportunizar condições e circunstâncias para esses encontros. Capacitar líderes para exercerem seus dons e cargos num espírito de mordomia cristã;
- aprendizado através do relacionamento **marido-mulher, noivo-noiva, namorado-namorada**. Sensibilização para a ocasião favorável que estes laços podem significar. Capacitação e acompanhamento específico;
- aprendizado através do relacionamento **amigo-amigo**. Abertura e facilitação de oportunidades para laços de amizade serem criados e cultivados. Capacitação e acompanhamento dos indivíduos para aproveitarem tais oportunidades;
- aprendizado através de relacionamentos entre **pessoas de vocações semelhantes**. Capacitação e acompanhamento dos indivíduos para aproveitarem tais oportunidades.
- ?

3. Compartilhando esses ensinamentos

Boa parte do que trouxemos na seção anterior, especialmente na última parte, pode ser replicado nesta, uma vez assumida a postura de não apenas engajar-se com a Palavra para proveito próprio, mas também para benefício do próximo. No entanto, decidimos concluir nosso estudo com um capítulo específico sobre o compartilhamento destes ensinamentos dos apóstolos para ressaltar a importância da ênfase missionária que nossa Igreja quer manifestar. As bênçãos espirituais decorrentes do aprendizado e vivência da doutrina cristã não necessitam ficar estancadas na vida do cristão, mas podem vazar e chegar a outros, especialmente aos que ainda não conhecem ou desfrutam da fé em Cristo.

Tal movimento em direção ao outro (Ezequiel 47) não está explícito em nosso texto-base (Atos 2.42), mas o contexto imediato e amplo não o deixa escapar. O dado testemunhal pode ser encontrado em abundantes narrativas nas páginas de Atos e nas prescrições e alusões contidas nas cartas apostólicas. Retire-o e o Novo Testamento ficaria oco. A missão era muito clara: fazer discípulos! Dar testemunho começando onde já se estava (Jerusalém – mesma língua, mesma religião, mesma cultura) e chegando até os confins da terra (diferentes línguas, religiões e culturas). A história do Cristianismo, especialmente em seus primeiros séculos, também aponta para os vestígios desta consciência evangelística. O crescimento avassalador da Igreja primitiva no império romano, pelo menos num primeiro período, não aconteceu mediante conquistas de povos e cruzadas nacionais, mas através de conversões realizadas pelo Espírito Santo, utilizando a Palavra e o Sacramento, pessoa a pessoa, família a família. Ninguém aderiu à fé naquele primeiro período da Igreja cristã pela força ou pela coerção, ou através de um investimento massivo em marketing e propaganda, mas por intermédio do compartilhamento respeitoso e apaixonado dos ensinamentos dos apóstolos, considerando o princípio da “pessoa de paz”.

Quando olhamos para trás e também para o presente, identificamos três principais ângulos por onde passa esse compartilhar missionário da doutrina evangélica. Vamos a eles:

a) Compartilhar os ensinamentos é confessar

Os primeiros cristãos não se negaram a confessar e a defender os ensinamentos dos apóstolos. Mesmo sob condições de extrema hostilidade, assumiram esta responsabilidade e deixaram o legado. Lembramos que na convergência da doutrina de Cristo com a sociedade e religião judaica, fez-se necessária a argumentação veterotestamentária, bem como o testemunho da realidade factual da pessoa e obra de Cristo. Apesar de muitos judeus terem abraçado o Evangelho pela ação do Espírito Santo, de cidade em cidade, sinagoga em sinagoga, a premência da confissão cristã era provavelmente uma constante. Também do universo gentio, vieram acusações e questionamentos, que obrigaram a comunidade primitiva a argumentar em prol de suas crenças e práticas (1Timóteo 6.20; 2Timóteo 1.14; Atos 20.29-31, 1Timóteo 4.6-7, Tito 3.10).

Noutra ponta, a confessionalidade mostrou-se inevitável quando controvérsias teológicas começaram a emergir internamente. Escritos do Novo Testamento indicam a preocupação em manter a sã doutrina (2Timóteo 1.13; 3.15) que estava sendo desenvolvida bem como atitudes proativas dessa natureza. Posteriormente, os textos da tradição cristã continuaram dando provas desta atividade consistente.

Também a Igreja Luterana tem uma história marcada por esta perspectiva confessional de compartilhamento dos ensinamentos dos apóstolos. Nascemos, poderíamos afirmar, de uma iniciativa de defesa das verdades do Evangelho. Desde as marteladas na porta da igreja do Castelo, a Igreja Luterana irrompe confessando. Primeiro em debates com o catolicismo romano, depois com outras ramificações do movimento reformatório e posteriormente com nuances dentro de seu próprio corpo eclesiástico, ainda que estes três cenários se entrecruzassem. De certa forma, é possível identificar neste ângulo do compartilhamento da mensagem um dos valores mais caros para a tradição luterana no mosaico cristão e uma das suas principais predisposições. Fazemos muito. E fazemos bem. Por isso nos declaramos um sínodo *confessional*.

Mas não é exclusividade nossa. Não somos, por assim dizer, os únicos arautos e defensores da verdade *out there*. Ao longo dos séculos, sempre fez parte da essência missionária a orientação apologética. Porque sempre que qualquer configuração do Cristianismo se confrontou com uma nova época e cultura, ali houve a imposição de que vezes se levantassem para empreender a iniciativa confessional. Segundo Richard Halverson, “quando os *gregos* encontraram o Evangelho, eles tentaram transformá-lo em *filosofia*. Quando os *romanos* encontraram o Evangelho, eles tentaram transformá-lo num *governo*. Quando os *européus* o encontraram, tentaram transformá-lo numa *cultura* e quando os *americanos* o fizeram, eles tentaram transformá-lo num *negócio*”.¹⁵ Sua análise panorâmico-histórica pode ser considerada um tanto simplista, não considerando outras variantes de heresias ou sendo genérico e demonizando as culturas/civilizações citadas, mas nos permite ter um vislumbre da contínua exigência que esteve e está diante do cristão no mundo: confessar a fé verdadeira frente a tentativas assíduas de adulterações, que bem poderiam ser chamadas pelo que ultimamente são: ataques do diabo.

Hoje esse chamado é nosso. Dar continuidade ao confessar de nossos pais. Versados nas controvérsias do passado e sensíveis às discrepâncias da atualidade, o compartilhamento dos

¹⁵ HALVERSON, Richard. Citado por: VIOLA, Frank. *Reimagining Church: Pursuing the Dream of Organic Christianity*. Colorado Springs: David C. Cook, 2008, p.45.

ensinamentos dos apóstolos em nossas mãos passa por conservar a pureza doutrinária. Algumas destas discordâncias provavelmente são velhas, e ressurgem apenas com roupagens diferentes. Outras, quem sabe, representem desafios estranhos. Não temos como aprofundar demais essa questão no presente trabalho, mas propomos como reflexão particular a partir deste ano que identifiquemos quais são as heterodoxias que estão à nossa porta, que debatamos os posicionamentos e que invistamos na apologética contemporânea. Na CTRE. No Seminário. Em congressos e simpósios. Nas congregações e distritos.

Lembrando, importa nossa resposta. E importa a forma como o faremos. A epístola de 1 Pedro 3.15-16 e Daniel, na Babilônia, podem nos colocar no caminho certo, quem sabe. É possível que grande parte dos problemas teológicos possam ser resolvidos com a simples abertura do Livro de Concórdia e repetição do “cremos, ensinamos, confessamos, condenamos”. Mas é possível também que, ancorados nos princípios de nossos antepassados na fé, teremos que continuar pensando e fazendo teologia, dispostos a recomendar novas respostas para novas questões. Certamente passará por uma postura dialogal.

b) Compartilhar os ensinamentos é traduzir

Outro ângulo do compartilhamento dos ensinamentos dos apóstolos é o viés da tradução. O assunto neste íterim é o da contextualização da mensagem. Perspectiva que entendemos ser legítima e até inevitável. Se o ângulo anterior era bastante familiar para os luteranos, talvez esse seja onde temos menos biografia ou facilidade e mais oportunidade de crescimento. Ainda que se pudesse arrazoar que Lutero teria sido um exemplo incontestável dessa prática e elencar várias amostras positivas que podem ser verificadas ao longo da nossa história e no presente de nossa Igreja.

Posto de forma elementar, tradução ou contextualização seria o método teológico que tenta traduzir a mensagem bíblica para distintos contextos culturais e religiosos. É possível argumentar em favor dessa prática a partir de **exemplos bíblicos** (Mateus 13.44-50; Lucas 15; 1 Coríntios 9.19-23, 10.32-11.1; Atos 17.16-38; Filemom 6; entre outros), ou de **conceitos teológicos** como o *lócus* cristológico da encarnação (João 1) ou da *kénosis* (Filipenses 2), fundamentado em **princípios da teoria da comunicação** ligados ao primeiro artigo do Credo, ou ainda baseados em **exemplos concretos da história da Igreja e de experiências que se tem**. Para quem está, especificamente, em ambientes missionários, longe das zonas de conforto que são proporcionadas nos lugares onde o Cristianismo/luteranismo está “em casa”, não resta dúvidas de que o paradigma da adaptabilidade e a pergunta pela relevância se fazem indispensáveis no viver “Firmados em Cristo – seguindo e compartilhando os ensinamentos dos apóstolos”. Compartilhar estes ensinamentos passa, absolutamente, por esse processo de traduzir /contextualizar a mensagem.

Reconhece-se que há um debate sobre até que ponto essa contextualização é possível e conveniente. Afirma-se a importância desse debate na Igreja. Ele contribui para que não se caia nos extremos da *supercontextualização*, quando na tentativa de tradução chega-se a perder de vista a identidade do Evangelho, ou da *subcontextualização*, quando na recusa de se flexibilizar o formato e a linguagem, acaba-se sendo infiel à Grande Comissão e ao Grande Mandamento, evitando qualquer sacrifício pessoal e contentando-se em comunicar apenas para públicos internos, cada vez mais reduzidos.

O que se reivindica é a tradução responsável, que tanto critica o que precisa ser criticado como afirma o que pode ser afirmado na conversa entre Evangelho, Bíblia e Confissões com a cultura, em cada ecossistema onde a Igreja está inserida. O que se propõe é a contextualização equilibrada, que tenciona fazer a exegese sociológica para a aplicação da exegese bíblica e, assim, comunicar pertinentemente as verdades eternas da Escritura e os nossos tesouros da Reforma do século XVI para o ser humano e o mundo pós-moderno. Ela não é tanto sobre mudanças periféricas de estilo de música, indumentária, arquitetura e estrutura num intento de atratividade (ainda que não se exclua necessariamente estas resoluções). Antes mais, sobre um movimento de se colocar no lugar do próximo, retirando pedras de tropeço desnecessárias do caminho, buscando providenciar respostas para as perguntas que são feitas, e compreender quais são os sonhos, os dramas, os valores, as patologias e os ídolos específicos de cada sociedade, em cada época.¹⁶ [16]

c) Compartilhar os ensinamentos é encarnar

Concluindo este estudo, um último ângulo por onde passa o compartilhamento dos ensinamentos dos apóstolos: a materialização da mensagem. O tornar-se na carne aquilo que se crê e ensina. Em outras palavras, junto com o falar para as pessoas que elas são amadas por Deus, encontrar formas de amá-las da melhor maneira possível. Junto com o falar para as pessoas como Deus as amou, através do serviço e do sacrifício de seu Filho na cruz, encontrar formas de servir e se sacrificar e se arriscar por elas, dentro das limitações que o pecado impõe. E assim, mesmo cheios de carências e contradições, representar Cristo para aqueles que são alvo do testemunho. Ser a boa notícia para eles.

Certamente o Espírito Santo faz uso do veículo da exposição verbal da Palavra. A fé vem pela pregação (Romanos 10.17). Fazemos bem se anunciamos, literalmente falando, a mensagem. O Espírito Santo utiliza palavras para criar a fé no coração das pessoas. Mas ele também se aproveita de dois ingredientes nesse processo dinâmico, dentro do estágio pré-evangelístico: o jeito que os cristãos vivem e as relações que eles cultivam. Se perguntarmos para os ouvintes da Palavra, os indivíduos que estão sendo convidados a considerar a fé cristã, provavelmente dirão, da perspectiva deles, conquanto possam refletir nestes passos iniciais de *flerte* com o Cristianismo, o como a gente vive e o como a gente ama é tão importante quanto o que a gente diz.

Isso combina com Paulo, em 1 Coríntios 13. Onde não há amor, onde os cristãos não amam, as palavras desafinam. São como um prato que retine ou um sino rachado. Produzem um som irritante, para nada agradável. A maneira como se representa a fé para o mundo faz muita diferença na forma e na receptividade que eles terão para o amor de Deus revelado em Cristo, como boa nova.

Essa atitude missional combina também com Lutero, quando este escreveu sobre os cristãos batizados representarem “pequenos Cristos” para o mundo. Ser Jesus com osso, carne e pele por cima. O toque concreto de suas mãos invisíveis. Manifestar sua presença real no mundo, a mesma que se come e bebe na Santa Ceia.

¹⁶ Há muito material à disposição para aprofundamento desta seção sobre traduzir e contextualizar. Recomenda-se a edição de Novembro de 2012 da Revista Teológica *Missio Apostolica*, dedicado ao assunto (disponível em: <https://www.lsfm.global/missioissues.html>) e os capítulos 7 a 10 de KELLER, Timothy. **Igreja Centrada: desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no Evangelho**. Tradução de Eulália P. Kregness. São Paulo: Vida Nova, 2014, p.105-161.

Mas é um detalhe na segunda parte do versículo 10 do capítulo 2 da carta a Tito que chama a atenção:

“... A FIM DE QUE, EM TODAS AS COISAS, MANIFESTEM A BELEZA DA DOCTRINA DE DEUS, NOSSO SALVADOR.”

Paulo está escrevendo sobre orientações de vida para várias classes das pessoas crentes. E após dar exemplos práticos e intrigantes para uma sociedade pagã de como a multiforme graça de Deus poderia se concretizar em multiformes vocações, ele alega que aquele tipo de vida “manifestaria a beleza da doutrina”. Noutras traduções, as obras decorridas da fé seriam um “ornamento” da doutrina; tornaria a mesma “atraente”. A vida generosa, a humildade autêntica, o exercício do amor sem segundas intenções, a integridade entre o que se prega e o que se pratica, e, principalmente a própria confissão de que se é imperfeito, podem ser positivamente intrigantes para outras pessoas, podem chamar à atenção, podem abrir portas para os ensinamentos dos apóstolos. Isso quase soa a sacrilégio teológico, e, no entanto, está previsto na Escritura.

O entendimento e a observância dessa faceta requisitam nosso apreço. Porque vivemos num tempo de pós-cristandade, onde muitas pessoas não cristãs se decepcionaram com o contato que tiveram com uma comunidade ou liderança cristã. Porque uma versão caricaturada de Cristianismo é o que ocupa o imaginário de muitos, e não só o imaginário, mas é a experiência que se tem em muitos contextos. Porque a paisagem de muitas congregações é um território onde boa parte da vizinhança (especialmente de gerações mais jovens) até simpatiza com uma determinada imagem de Cristo, mas não está nem um pouco interessada na Igreja. Urge que encaremos essa realidade de frente. Não com atitude romântica ou inocente de quem não entende as implicações da teologia da cruz no campo missionário, mas tampouco com uma atitude conformista. Urge que, além de um investimento mais aplicado à tarefa de proclamar oralmente Cristo para todos, a Igreja faça uma reflexão sobre o peso que pode significar um testemunho calcado na vida que se vive em favor do próximo. Porque essa é a vida que fascina. Que suscita perguntas. Que provoca curiosidade. Que perfuma. Que chama a atenção e atrai para conhecer aquele que está por trás de tudo. Essa é a vida de que muitos longe de Cristo estão desesperadamente em busca. Uma vida que até pode entregar folhetos que trazem a mensagem escrita do Evangelho, mas permitem que suas vidas (ainda que irregulares) sejam lidas, porque em última instância elas são também (principalmente) folhetos de Cristo (2Coríntios 3.3).

Numa cultura resistente, estar disponível para e usar de misericórdia com alguém, em nome de Jesus, pode ser uma das melhores formas de se compartilhar os ensinamentos dos apóstolos.

Os ensinamentos dos apóstolos são Cristo para gente. Sua doutrina. Seu Evangelho. Ele ressuscitou. Ele convida a ser seguido, de perto, e isso é nada menos que uma grande aventura. E a ser compartilhado, de todas as formas possíveis, lá onde Deus já nos colocou. O Espírito está vivo e ativo em nós. A Palavra de Deus é boa. A igreja é vital. E o futuro é glorioso.